

Brasil mantém negociação informal com seus credores

* 6 ABR 1992 *Dívida Externa* *R\$ 5000*

SÃO DOMINGOS — A negociação da dívida externa entre o Brasil e os bancos comerciais foi suspensa temporariamente, de forma oficial, dias atrás em Nova York. As conversas, no entanto, não se interromperam. Elas continuam aqui, na República Dominicana, ainda que de maneira informal, como disse ontem Pedro Malan, o negociador brasileiro.

Segundo ele, ambas as partes estão próximas de um acordo. Elas, porém, necessitariam de um certo período para navegar em meio à complexidade das alternativas que vêm sendo colocadas nas negociações.

— Estamos conversando aqui com banqueiros sobre alguns detalhes. É um trabalho de sintonia fina — disse ele, referindo-se especialmente a um mecanismo chamado “phase-in”, que permitiria ao país pagar de forma gradual as garantias sobre os bônus a serem oferecidos para pagar o capital e os juros, em vez de fazê-lo de uma só vez, na assinatura do acordo.

Pedro Malan vai se encontrar hoje com o Subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, para tratar do mesmo assunto.



Francisco Gros, presidente do BC

— Devemos conversar sobre perspectivas do Plano Brady, para a redução de nossa dívida. E também sobre a performance da nossa economia. Os Estados Unidos vêm acompanhando a evolução com interesse — disse o negociador da dívida.

Ele teve encontros com alguns banqueiros ao longo do dia, em reuniões paralelas à assembléia anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Na parte da manhã, ele, o presiden-

te do Banco Central, Francisco Gros, e o diretor do BC, Armínio Fraga, tiveram uma longa conversa com o Vice-Presidente do Banco Mundial (Bird), Shahid Husain. A pauta foi extensa.

— Falamos desde a questão da dívida externa, até as últimas cifras da nossa economia e das recentes novidades brasileiras — disse Gros, referindo-se às mudanças no Ministério.

Malan, que também responde pela diretoria executiva do Brasil no BID, procurou dividir seu tempo entre as duas atividades. Um dos assuntos de sua pauta nesse banco é o aumento da quota para empréstimos setoriais, de desembolso rápido. Brasil e Argentina vêm pressionando para que o banco acrescente cerca de US\$ 1,5 bilhão a esse pacote. Isso significaria aumentar os fundos de 25% para 35% das reservas disponíveis para empréstimos naquela área. Tal elevação vem sendo estruturada, e muito debatida em conversas de corredores, para beneficiar, basicamente a brasileiros e argentinos — que necessitam de empréstimos para empreender reformas e, ao mesmo tempo, financiar operações de redução da dívida externa (J.M.P.).